

Marcelino sempre!

– Revisitando oitenta rosas vermelhas

Por José Óscar Monteiro*

Em Dezembro de 1964, recebi uma chamada telefónica em Paris de Marcelino dos Santos dizendo que havia chegado à capital francesa, marcando encontro para essa noite junto da entrada da Abadia de Saint Germain de Près, no Quartier Latin, que era a zona estudantil de Paris. Era a zona que Marcelino havia frequentado e onde havia vivido quando estudante. Não era o primeiro contacto. Um pouco mais de um ano antes, ele me havia enviado mensagens para o trabalho político a realizar em Portugal através de Paulo Jorge, que era então o adjunto do Representante do MPLA em Paris e que veio a ser por longo tempo Ministro das Relações Exteriores de Angola.

Marcelino era para nós um personagem lendário como um dos fundadores da FRELIMO e havia sido antes disso o Secretário Geral da CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas). A CONCP era um organismo de coordenação votado a congregar os esforços do MPLA, PAIGC, FRELIMO, MLSTP e dos nacionalistas de Goa na denúncia do colonialismo português. O seu presidente era Mário de Andrade, poeta e homem de cultura angolano, nacionalista da primeira hora e um dos fundadores da MPLA. Ai também trabalhava como dirigente Aquino de Bragança.

Marcelino acolheu-me com uma face risonha, deu-me um grande abraço, tomou-me pela mão e levou-me pela Rua Bonaparte em direcção ao Sena, o rio que atravessa Paris. Mas levou-me mais longe. Levou-me através dos rios do mundo -- que como todos sabem estão todos ligados entre si a um mundo de generosidade e dedicação, de serviço a causas da liberdade. Que naquele tempo eram a causa de tantos povos oprimidos, a causa de tantos homens justos, que eram a causa dos moçambicanos e da Frelimo.

Paris era nessa altura um ponto de contacto entre movimentos de libertação das colónias portuguesas na Europa num ambiente em que aí se encontravam revolucionários e exilados de todo o mundo. Ai Marcelino conheceu Risquet, Jorge Risquet, um jovem cubano da oposição anti Batista que mais tarde como dirigente cubano vem a coordenar em Angola toda a operação de apoio cubano aos angolanos contra a invasão sul africana, desde a famosa operação Carlota até à batalha de Cuito Cuanavale.

Aquino de Bragança, que tinha estudado em França -- era professor de química por mais estranho que pareça -- contou a origem de uma das lendas que se espalharam sobre Marcelino. Marcelino havia alugado um quarto no 2bis Place de la Sorbonne, herdando-o de um estudante

português que militava ou era mesmo representante clandestino do Partido Comunista Português. O quarto passa a ser, pela sua centralidade, um dos pontos de encontro dos jovens nacionalistas africanos das colónias portuguesas. Ninguém se lembrou de mudar o contrato com o senhorio. Quando um dia a polícia faz uma inquirição encontra Marcelino como residente. Daí nasce a fama que Marcelino era um membro do Partido Comunista Português. Mais tarde, num ambiente maniqueísta gerado pela guerra fria -- e agravado pelo conflito aberto que então se criou entre a então União Soviética e a China, Marcelino passa por essa lógica a ser apelidado de pro-soviético. Isto a despeito de ter sido o primeiro moçambicano a ser recebido por Mão Tse Tung.

De resto esta tendência de classificar os dirigentes nacionalistas em pró isto e pró aquilo reflectia um preconceito segundo o qual os africanos não tinham vontade própria, muito menos pensamento próprio: tudo o que faziam era a mando e por orientação de outros. O que levou um dia o Presidente Mondlane a comentar: se este é pró-soviético, outro pró-chinês, outro ainda pró-americano, não há nenhum que seja pró-moçambicano? As actividades que nesses primeiros anos a Frelimo desenvolvia consistiam em lançar apelos a Portugal para aceitar a independência que foram liminarmente recusados, preparar e desencadear a luta armada, denunciar o colonialismo e alargar o movimento de solidariedade no mundo.

Pelos seus contactos no mundo, alargados no exercício da sua função de Secretário Geral da CONCP --- Marcelino participou em Bandung, a grande conferência dos povos colonizados na Indonésia recém-independente, onde os países libertados, com a Indonésia, Índia e outros decidiram concertar esforços para apoiar os seus concidadãos ainda oprimidos na África e Ásia. Ali encontrou Jawaharlal Nehru.

Tudo isto fazia dele o candidato ideal para desencadear o trabalho de fazer conhecer o povo moçambicano, a sua causa e a Frelimo no exterior. Por isso na fundação da Frelimo ele é designado Secretário para as Relações Exteriores.

O trabalho exterior começava em primeiro lugar por um trabalho de explicação do que era Moçambique. Não raras vezes era preciso levar um mapa para os encontros ou comícios para situar Moçambique ("no sul da África em frente a Madagáscar" era a frase que se tinha na ponta da língua). Havia também que quebrar a barreira do silêncio que o governo de Salazar havia criado à volta das suas colónias. Eram apresentadas como modelos de integração e harmonia racial, "vejam,



Marcelino dos Santos e Samora Machel: os símbolos da libertação que sempre sonharam com um Moçambique igual para todos

pois, os exemplos de miscigenação" que nas esferas da sociologia eram alimentados por teses como a do luso tropicalismo que pretendia que Portugal estava em África a criar novos Brasis.

Uma notícia num jornal falando de Moçambique ou da luta de libertação ou da FRELIMO era motivo de alegria. Por isso uma parte importante do trabalho eram as entrevistas. A mais memorável que recorde de Marcelino foi uma entrevista que lhe fez o escritor italiano Alberto Morandir concertar esforços para apoiar os seus concidadãos ainda oprimidos na África e Ásia. Ali encontrou Jawaharlal Nehru.

Nos países africanos e nos países socialistas contávamos com uma simpatia natural. A melhor expressão desse sentimento foi a criação de uma larga causa e a Frelimo no exterior. Por isso na fundação da Frelimo ele é designado Secretário para as Relações Exteriores. O trabalho exterior começava em primeiro lugar por um trabalho de explicação do que era Moçambique. Não raras vezes era preciso levar um mapa para os encontros ou comícios para situar Moçambique ("no sul da África em frente a Madagáscar" era a frase que se tinha na ponta da língua). Havia também que quebrar a barreira do silêncio que o governo de Salazar havia criado à volta das suas colónias. Eram apresentadas como modelos de integração e harmonia racial, "vejam,

Recorde-se a famosa declaração

1514(XV) de Dezembro de 1960 da Assembleia Geral das Nações Unidas que afirma o direito dos povos ligados à autodeterminação e independência. Os efeitos dessa Declaração reverberam até aos dias de hoje. Com base nela, sustentámos as nossas posições nas negociações de Lusaka e Dar-es-salaam para a independência, com frases quase tiradas palavra por palavra dessa Declaração.

No mundo ocidental, o trabalho era de natureza diferente. Ai os Governos, ou eram passivos por desconhecerem o problema, ou eram naturalmente solidários com Portugal. Salazar havia aproveitado a posição estratégica dos Açores (um ponto de reabastecimento fundamental para os aviões em proveniência das Américas para os teatros de guerra europeus) para se inserir na OTAN, apesar desta organização ter nascido da luta antifascista. A medida que a guerra fria entre o bloco ocidental-capitalista e o bloco soviético-comunista se acentuava, a importância de Portugal aumentava. Muitos países, embora tendo aceite a independência das suas colónias não se manifestavam. Ninguém queria ondas nesse lago plácido de conformismos.

O que importava então era buscar o ponto onde o equilíbrio de forças podia ser rompido. No plano interno, isso fez-se com a travessia do Zambeze. No plano externo foi procurando separar Portugal colonial dos seus

aliados da OTAN. Já no norte da Europa os países nórdicos fiéis à sua tradição democrática se haviam expressado em termos de apoio incluindo nas áreas da educação e humanitárias. Mas era preciso atingir o âmago dos países da OTAN.

Em 1964 quando a luta armada de libertação é desencadeada, Marcelino recebe uma carta do Presidente do Município de Reggio Emilia dizendo: acabamos de saber que vocês deram um grande passo ao começar a luta pela libertação. Fiquem sabendo que aqui nesta pequena terra de Itália, nós que participamos na resistência contra o fascismo estamos convosco e vos acompanhamos de todo o coração.

Em 1970, realiza-se uma Conferência Internacional de Solidariedade com os Povos das Colónias Portuguesas em luta. Foi decidido realizar a conferência em Roma. E Marcelino que, entretanto, em nome da FRELIMO exercia a função de Presidente da CONCP fica encarregado de sondar os italianos sobre essa possibilidade. Contacta os seus amigos de longa data Dina Forti e Romano Ledda, dirigentes do Partido Comunista Italiano. Eles concordam, mas propõem que não seja só um Partido, que se crie um Comité largo de varias forças políticas italianas o que eles chamavam o arco constitucional -- comunistas, socialistas, republicanos e alguns deputados da esquerda da

então democracia cristã. É proposto que a organização da conferência seja dirigida pelos próprios movimentos de libertação.

No decurso da preparação, para além dos assuntos habituais e das complexidades que nos arbitrávamos numa sociedade política sofisticada e complexa como a italiana, dois acontecimentos maiores se prospectavam: a primeira é a sugestão de Dina Forti de dar continuidade ao movimento de solidariedade criado pela conferência através da gemação de cada um dos três movimentos de libertação -- FRELIMO, MPLA, PAIGC com três comunas italianas. Propõe Reggio Emilia, Prato e uma outra. Informo Marcelino que me diz logo: Reggio Emilia fica para nós. E daí nasce uma cooperação duradoura, a gemação do hospital de Reggio Emilia com o Hospital Provincial de Cabo Delgado nas zonas libertadas, o tratamento dos amputados nas minas colocadas na operação Nô Górdio e um sem número de acções de solidariedade irradiando por toda a Itália.

A segunda vem uma ideia de uma senhora de cultura católica, progressista e amiga de África, Marcella Glisenti que dirigia a melhor livraria cultural de Roma dedicada a livros africanos chamada Paesi Nuovi. Propõe ela que os dirigentes das colónias portuguesas solicitem uma audiência ao Papa, então Paulo VI. Marcelino concorda e eu peço a Daniel Chipen-

da, membro sénior do MPLA, então de passagem por Roma que assine a carta. Para grata surpresa a audiência é concedida. Marcelino, Amílcar Cabral e Agostinho Neto são recebidos e após ouvir os nossos dirigentes, o Papa afirma que a Igreja está com aqueles que sofrem. O impacto deste acontecimento é enorme no mundo, sobretudo no mundo católico.

Provavelmente o acto de reconhecimento moral da legitimidade das lutas de libertação, o mais significativo. O impacto mais importante a longo termo vai ter lugar em Portugal semeando a dúvida nos ingénios seguidores do ditame de "dilatara a Fé e o Império", na mesma frase, juro.

Marcelino foi por longos anos meu chefe e amigo e só nos zangamos uma vez: ele confiou-me uma farda que tinha recebido dos cubanos para entregar em Nachingwea para poder servir. Eu ia fazer os primeiros treinos e as nossas fardas não nos protegiam do frio. Fiquei com a farda. Marcelino ralhou comigo pelo espírito egoísta que isso representava. Rispidamente. Tudo bem, Marcelino. Mas ainda tenho comigo o blusão dessa farda ... Confesso!

Em termos de organização das intervenções Marcelino fez escola: Samora sempre admirou como Marcelino estruturava as suas intervenções nas reuniões elaborando os pontos em pequenas notas preparadas cuidadosamente, eu diria quase desenhadas.

Já as missões eram organizadas num modelo peculiar, ou porque preservar não fosse o seu forte ou porque talvez esse fosse um estilo. O dar iniciativa às pessoas ou talvez as duas coisas... Quando Amílcar Cabral é assassinado eu recebo um telegrama com quatro linhas:

FOSTE DESIGNADO PARA REPRESENTAR A CONCP NUMA CERIMÓNIA DE HOMENAGEM A AMÍLCAR. SEGUER PARA LONDRES AMANHÃ. BILHETE SER-TE Á ENVIADO, SAUDAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS, MARCELINO

Para nós isso era natural. Só recorde o acontecimento porque me deram a ficha do serviço de inteligência do exército português que transcreve a escuta das nossas telecomunicações. Armado só dessa mensagem parto para Londres para na minha então "tenra idade" falar numa sala gigantesca ao lado de figuras emblemáticas como Basil Davidson e Lord Gifford. Mas ao mesmo tempo havia instruções permanentes cuja inserção no pensamento de Marcelino sobre a maneira de fazer política só venho a compreender mais tarde: por exemplo, a instrução que tinham todas as delegações e representantes de nunca visitar um país sem reunir com os estudantes moçambicanos.

Mas afinal quem é Marcelino dos

Santos? Todos tem dele uma ideia e pela sua continua frontalidade continua a incomodar. Mon cher, il faut secouer le cocotier... (É preciso dar um abanão no coqueiro) dizia Aquino, seu companheiro.

Quem é esse moçambicano do Chamanculo que conheceu e falou com Nehru e Mo Tse Tung, debateu com Senghor, que lhe admirou a fluência em francês (ou est ce que vous avez appris à parler le français aussi bien! disse-lhe após um discurso em Addis Abeba em 1970) falou longamente com Giap, foi colega e amigo de Mondlane, Neto, Amílcar, Mandela, Tambo e Fidel Castro, privou e foi estimado por Ben Bella e Boumediene, é amigo de sindicalistas, homens de cultura e revolucionários de todo o mundo.

"Dós Santós", à francesa, ouvimos chamar quando percorríamos os corredores das conferências africanas -- corredores, diga-se, onde estivemos acantonados durante longos e pacientes anos, sem sequer poder ser observadores... e a que Marcelino se submetia sem um queixume porque sabia que uma conversa, uma mobilização eram mais um fio nesse invisível fio de Ariana que se tecia para a nossa liberdade.

Poderia dizer constância e talvez nisso o melhor se resume a sua vida. Mas constância e firmeza não apenas nos princípios, mas também na maneira de estar política e pessoal.

Todos sabemos que Marcelino, mais que todos, ele está identificado com a imagem das reuniões longas. E não era sem apreensão que fomos con-

vocados por ele. Mas estava aí um segredo.

Abdul Magid Osman que foi nosso Ministro da Finanças e depois dirigiu no PNUD das Nações Unidas o Programa de Desenvolvimento de Gestão que se preocupava com identificar e difundir boas práticas de gestão e portanto sabe do que fala, não deixa ainda hoje de recordar como aprendeu e se formou nessa prática persistente e teimosa de Marcelino de fazer participar todos na discussão, de requerer, diria exigir, que cada um se pronunciasse sem receio de errar porque ele sabia que a decisão mais justa não era a que era tomada apenas pelos mais conhecedores mas aquela que era também a que sendo vista como a melhor também era a que o maior número partilhava.

Participação é a maneira de ser política que melhor o caracteriza. Num avião, já depois da independência, cruzei-me com a delegação do Ministério de Planificação e Desenvolvimento que Marcelino dirigia em rota para a China. Como membros seguiam além dos habituais directores e quadros, o Secretário do Grupo Dinamizador do Ministério, Gilberto Moiane, que depois se torna um quadro sénior do Partido.

Se quiser resumir Marcelino num momento, é a fotografia dessa delegação que eu traria. Ou se quiserem um filme, usarei o grande exercício de participação e educação económica que foi a Conferência Nacional de Planificação realizada através conferências que começaram nos distritos e em cada empresa estatal e depois

nas províncias ainda nos anos 70.

Muitos se interrogam sobre a permanente popularidade de Marcelino, abraçado por todos onde vai, cantado e dançado. Foi nesse sentido de respeito por todos, de respeito e preocupação pelos pobres, de confiança nas capacidades do povo que repousa esse carinho.

Nacionalismo e cosmopolitismo, ser moçambicano e ser homem de todas causas do mundo, casam-se naturalmente em Marcelino.

Finalmente que dizer de Marcelino como intelectual e como poeta?

Nada mais do que já disse. À ideia de intelectual que em geral se associa a escritos, bons estudos, elevados debates, que são todos necessários, Marcelino acrescentou, pelo seu exemplo, a dimensão do fazer coisas, de transformar realidades, da humildade de aprender com outros. Não há melhor no seu tempo.

Do Marcelino poeta, eu apenas diria que hoje escreve a octogésima estrofe do seu mais belo poema, o poema que é a sua vida.

Por isso ele é tão amado.

*companheiro e amigo de longa data de Marcelino dos Santos. Excertos editados de um texto escrito em 20 de Maio de 2009 sob o título "Oitenta rosas vermelhas" e publicado anteriormente pelo SAVANA. As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade do seu autor. Título e edição da responsabilidade do jornal.

Quando Marcelino encontrou o papa Paulo VI

Por Paola Rolletta

Entre 27 e 29 de Junho de 1970, Roma foi cenário da Conferência de Solidariedade com os Povos das Colónias Portuguesas, uma iniciativa das três centrais sindicais italianas. Contando com a participação de 171 organizações nacionais e internacionais de 64 países, a conferência foi um dos maiores sucessos políticos convosco, mas é preciso compreensão e paciência. Um fotógrafo registou o acontecimento, mas a fotografia não foi publicada em nenhuma imprensa.

"L'Osservatore Romano", o órgão oficial da Santa Sé, dedicou umas linhas ao acontecimento, sem publicar a fotografia, alguns dias depois. Os cardeais estavam furiosos. Portugal ameaçava cortar as relações diplomáticas com a Santa Sé.

A audiência teve um enorme impacto, em África, e uma grande conferência de imprensa foi organizada na Livraria Paesi Nuovi. O mundo soube que os três líderes africanos que lutavam pela independência dos seus países tinham recebido das mãos do papa Paulo VI um exemplar, em português, da enciclica "Populorum Progressio", (O Progresso dos Povos). Um apoio incondicional à autodeterminação dos povos. Uma vitória impossível pelas armas.

A carta foi escrita a 29 de Maio e a resposta chegou